

A R T E

1. Newton Carneiro
2. Adalice Araujo

MARIANO DE LIMA E O ENSINO DAS ARTES EM CURITIBA  
Newton Carneiro

A capital paranaense, mais do que Porto Alegre ou S. Paulo, sofreu e evidencia a influência que a imigração europeia exerceu sobre as artes e o sentimento estético da população. Silva Bruno e Afonso de Freitas confirmam-no, no caso da capital paulista, ao caraterizarem a pertinaz resistência que a formação luso-colonial ofereceu aos novos modelos artísticos; o que é igualmente corroborado por Teodoro Sampaio ao situar a transformação da cidade só no final do século. Porto Alegre também prefere manter-se fiel à velha inspiração lusa, registrando-lhe os historiógrafos a reação que despertou a iniciativa do Governador Soares de Andréa, em 1850, ao contratar arquitetos europeus para "modernizarem o estilo da cidade".

Em trabalho publicado por ocasião do centenário da emancipação do Paraná, procuramos mostrar as razões desse impacto; motivado, sobretudo, pelo elevado número de artesãos aqui chegados na segunda metade do século passado, contrastando com o inexpressivo conjunto de profissionais da terra.

Curioso é que tenha sido precisamente um português o maior divulgador do gosto italo-germanico que prevaleceu entre nós, na última metade do século passado.

Como de evidente influência europeia via imigração, devem ser considerados não só o neo-classico tardio que inspirou as construções curitibanas entre 1850 e 1890, como o mobiliário,

a composição tipográfica e litográfica, a escultura, assim como todo o desenho decorativo. De resto, também o vitoriano e o neo-napoleônico, que se exprimem pelo novo gótico e o novo renascimento, de que Curitiba ainda oferece expressivos exemplos arquitetônicos; o primeiro orientando os construtores alemães e o segundo inspirando, sobretudo, os italianos, na forma das suas tendências de origem. No ano de 1852, já a Camara de Curitiba registra 52 novas edificações, das quais 10 são de alemães.

Também proveio da Europa o ecletismo, com inclinação para a monumentalidade, de que a Exposição Universal de Paris, aberta em 1889, dá o melhor testemunho. Aqui ficaram alguns discretos exemplares desse modelo, já todos postos abaixo. Indiscretivelmente o projeto da Escola de Belas Artes sofreu-lhe a influência, como se pode constatar pela ilustração.

A ultima etapa desse processo é o movimento chamado de Arte Nova, "Art Nouveau" ou "Jugendstill", que surgiu no fim do seculo, alcançou o seu apogeu nos anos anteriores à primeira guerra mundial e foi suplantado pelo cubismo e outras tendências. Deixou em Curitiba marcas arquitetônicas muito caraterísticas que assinalam não somente o proprio estilo, como uma etapa da evolução da cidade na administração Cândido de Abreu. O notável engenheiro paranaense mostrou-se sensibilizado pela nova voga, o que se constata nas edificações que projetou ou dirigiu: o palácio da Municipalidade, os portões do Passeio Público, o "Belvedere" do Alto S. Francisco, sua propria residência que se situava na esquina da Avenida João Gualberto com a rua Padre Antonio.

A nova ordem estética já havia sido revelada aos curitibanos na Exposição do Cinquentenário em 1903, através dos "avançados" (sic) desenhos do mobiliário exposto por Paulo Leindorf, carateristicamente ART NOUVEAU, e que foram agraciados com a medalha de ouro no certame.

Digno de registro, sem dúvida, como já o mencionamos, é o fato de aqui termos abrigado um lusitano como divulgador de uma arte de que os interpretes eram de outras origens europeias. Aliás, nesse período afirmativo da evolução social curitibana há outros fatos extremamente curiosos, como o caso da REVISTA PARANAENSE criada por Nivaldo Braga. O periódico ilustrado ombreava com os melhores do país, concorrendo com a REVISTA ILUSTRADA e com o DOM QUIXOTE, ambas de Angelo Agostini, com o BEZOIRO de Bordalo Pinheiro, com a VIDA FLUMINENSE de Vale e até com a primeira ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA, para a qual tanto concorreu o nosso Franz Keller.

Na magnífica REVISTA PARANAENSE, que infelizmente teve vida muito efêmera pois era boa demais para a pequena sociedade da época, só o dono era natural da terra. O desenhista - chefe da oficina que a imprimia era catalão, o mestre litógrafo wurtemburguês, minhoto o principal tipógrafo e italiano o maquinista.

Mas voltemos ao ensino das belas artes.

A rigor, organizações escolares específicas para as artes e o artesanato, só as tinha a Corte. A princípio com a iniciativa do Conde da Barca, ainda no período colonial, de que resultou a atual Escola Nacional de Belas Artes. Depois, com o

benemérito missionarismo de Bethencourt da Silva e o seu LICEU DE ARTES E OFICIOS, que é de 1856. Mas somente em 1872 é que vem a ser criado, na Baía, o primeiro centro de aprendizado artístico fora da capital do Imperio. Aliás, Salvador deveria ter abrigado o primeiro curso oficial de arte no país, se a CARTA REGIA de 8 de agosto de 1812 tivesse tido efetiva concretização. Mas, tanto faltaram condições para a prematura iniciativa, que seis anos depois outra decisão do Príncipe Regente renovava a criação da "aula de desenho e figura" na cidade da Baía, ainda desta vez sem consequências práticas; o que só veio a ocorrer muitos decênios após.

Antonio Mariano de Lima, ao fundar aqui a 22 de julho de 1886 a sua "aula" de desenho e pintura (convertida em ESCOLA DE BELAS ARTES E INDUSTRIAS, pelo Decreto estadual nº 1, de 29 de novembro de 1889, firmado pelo Coronel Cardozo Junior, primeiro chefe do Executivo paranaense na Republica) conquistou para Curitiba posição especialíssima na evolução do ensino artístico brasileiro. Foi, indiscutivelmente, a segunda escola de ensino das artes que se estabeleceu no país fora da capital; e, tenha-se presente, Salvador fora sede do Governo durante a maior parte do período colonial.

Quando se decidiu vir para Curitiba o artista tinha 23 anos, nascera - como Vieira dos Santos - na ativa e alegre cidade do Porto ( a 4 de março de 1861).

Foi a complementação do Teatro São Teodoro que o atraiu. Em Portugal e no Rio de Janeiro atuara como cenógrafo e a nova casa de espetáculos da capital paranaense ainda não pudera funcionar por falta de decoração e equipamento. Sua pedra funda-

mental fora lançada em 1874 com grandes festividades, mas como iniciativa particular, em meio modesto, faltaram recursos para o seu prosseguimento. Transferida a iniciativa para o Governo foram as obras aceleradas, graças ao apoio do Presidente Carlos de Carvalho. No relatório de 19 de outubro de 1882 informa o chefe do Executivo da Província que as obras estavam concluídas. Não se satisfez com elas e "mandou fazer novas" (sic.).

Alguns meses depois a casa estava pronta, mas não funcionava "por falta de verba para a decoração", informa o mesmo Presidente no seu relatório de 26 de maio de 1883. Para enfrentar o obstáculo decidiu-se abrir licitação para o arrendamento do Teatro, recaindo o encargo das obras e equipamento no contratante. Anulada a primeira chamada de propostas venceu a segunda o Capitão Damaso Correia de Bittencourt, que a ela se devotou com interesse pois era comediografo.

O empresário do S. Teodoro contratou Mariano de Lima para a decoração e a cenografia do teatro. Trabalho de vulto, porém mal remunerado, pois as despesas saiam do bolso do arrendatário segundo rezava o contrato. O artista minhoto conformou-se com a modestia do salário buscando outras fontes de receita, conforme se constata nos anúncios que fez publicar no "Dezenove de Dezembro", em janeiro de 1885.

Mariano vinculou-se logo ao meio cultural curitibano e nele ocupava posição de excepcional destaque o Dr. Faria Sobrinho. O prestigioso advogado e político se interessou pelo jovem e talentoso estéta animando-o em seus projetos de educação artística na capital da Província.

A ascenção desse procer conservador à presidência do exe-

cutivo deu-lhe oportunidade de efetivar o prometido apoio, que extendeu, aliás, de maneira geral a todas as iniciativas educacionais. Assentada a fundação da Escola, ficou o Tesouro Provincial de suprir-lhe auxilio de dez contos, quantia avultada para a época, mas que se justificava porque os cursos seriam gratuitos.

Depois de encerradas as matrículas a 31 de agosto, data estabelecida por edital da Secretaria da Instrução Pública, contatou-se que o Tesouro não tinha como pagar nem mesmo as mobiliás especiais necessárias à Escola, na forma do ofício de 2 de outubro dirigido pelo Presidente da Província a Mariano.

Para a tenacidade do artista luso as dificuldades momentaneas convertiam-se em estímulo. Como as mobiliás estivessem encomendadas e faltassem ainda modelos para estudo, paga-lhos-ia com o resultado de espetáculo público, que levou a cabo na data aniversária do Imperador, a 2 de dezembro.

A "soirée" no Teatro S. Teodoro teve extraordinário êxito, tendo sido vendidos todos os lugares. Pensou-se a princípio em levar à cena a comédia "Meia hora de Cinismo", idéia superada pela exclusiva exibição de arte, a cargo de orquestra integrada por 18 figuras, entre profissionais e amadores.

O concerto rendeu quase um conto de reis!...

Assentada a data de 6 de janeiro para a inauguração do estabelecimento com razoável antecedência, minuciosos preparativos foram programados para que a festa marcassem época nas fatos culturais da cidade. E, no Dia de Reis desse ano de 1887, lá estava todo o mundo social, político e cultural curitibano "au grand complet". Nada menos de oito discursos foram proferi

dos, culminando com o do proprio presidente da Provincia.

A Escola se abrigava em dependênciā do Instituto Paranaense, e abria as suas portas já com a surpreendente inscrição de 99 matriculados, dos quais 61 alunos e 38 alunas.

É ainda o Dr. Joaquim de Almeida Faria que lhe consegue casa propria com a cessão do predio da Escola Carvalho, na rua Aquidaban. Para tal fim o edifício sofreu grandes reformas, adaptando-se às suas novas e importantes atribuições. Que mereceu cuidados especiais confirma-o a esplendida litografia feita pelo mestre Narciso Figueires, possivelmente reproduzindo fotografia da época. Vê-se cavalete de bôa altura ao pé do qual está aluna armada de pincéis: é a futura Senhora Carlos Cavalcanti de Albuquerque, que veio a ser primeira Dama do Paraná em 1912. Ao fundo se podem observar outros discípulos. O mobiliário, a decoração, o equipamento são admiráveis para a pequena capital provinciana dos ultimos tempos do Império.

Sem dúvida o artista minhoto e sua Escola passaram a constituir o grande motivo da cidade. Toda a imprensa da época o confirma. Rocha Pombo, nas páginas do DIÁRIO POPULAR não se cansa de promove-la. Encontra-a "elegantemente arranjada sente-se que em tudo que vemos imprime o seu espirito, o seu zelo inimitável, o distinto moço que ali está prestando à Provincia com tanta dedicação e desinteresse o serviço enorme de aproveitar as melhores aptidões de seus filhos".

Mariano aproveita o proprio concerto para exibir os primeiros trabalhos dos seus alunos. Faz erguer tabiques no saguão do São Teodoro e incumbe ao marceneiro Gaertner de ultima-los, assim como ao pintor Paiva da respectiva decoração. Apresenta

mais de 60 quadros a oleo e crayon, grande numero dêles tomados "do natural". Figuram como expositores: Raquel Munhoz, Balbina de Loyola Pinho, Francisca Candida Munhoz, Maria Rosa Gomes da Costa, Olympia da Costa Neto, Aydée Guimarães Carneiro, Castorina Ramirez, Joaquim Miró, Jorge Schmidlin, Francisco Doubeck, Canrobert da Costa Junior, Francisco Vale Guimarães, Manoel Azevedo da Silveira Neto e vários outros.

Tal projeção vai alcançando a iniciativa que Mariano intenta novos e ousados avanços: a criação de premios oficiais, a construção de sede propria e a publicação de periódico para divulgação do que se estava realizando "como meio de propaganda da arte e de estímulo à Escola e alunos". Era a repetição, em Curitiba da proesa de Bethencourt da Silva, na Corte, com o seu famoso "Brasil Artístico".

A administração Provincial deixa-se convencer e a 6 de setembro de 1888 o Presidente Balbino da Cunha sanciona a Lei nº 925, votada pela Assembléia e que cria medalhas de ouro, prata e cobre "para premio aos alunos da Escola de Desenho e Pintura desta capital".

Esses premios devem ter sido conferidos com extrema parcimonia, pois não se conhecem exemplares nem das medalhas nem dos respectivos diplomas. Mas foram indiscutivelmente distribuídos, pois dêles encontram-se menções nos relatórios enviados ao Governo com a citação nominal dos agraciados e registro do numero de medalhas figurando em estoque.

A 4 de março desse mesmo ano viera à luz a primeira tiragem de "A ARTE", de que se conhecem oito números, o ultimo dos quais de 1897. Colaboraram no periódico: João Pereira Lagos, Jus

tiniano de Melo, Emiliano Perneta, Pamfilo de Assumpção, Leônicio Correia, Nestor Vitor, Rocha Pombo, os três últimos ainda estudantes.

No editorial de apresentação anuncia Antonio Mariano que "A ARTE" terá três sessões, "sendo a primeira para a publicação da parte oficial da Escola, a segunda para os artigos, poesias, etc. dos distintos colaboradores e a terceira para a parte noticiosa. Terá um procedimento irrepreensível no cumprimento de seu itinerário, que, sendo completamente artístico, só publicará em suas colunas artigos, poesias, anedotas, variedades, notícias, que tratem de engrandecer não só a Escola, que deve estar em primeiro lugar, como também as Belas Artes em geral e as artes subalternas".

Talvez porque "pago pelos seus professores e alguns alunos", a distribuição do periódico foi realizada com parcimonia, sendo raríssimos, hoje, exemplares da publicação. Tememos, mesmo, que nossas bibliotecas não possuam coleções completas.

Com a mesma tenacidade lança-se Mariano à luta pela sede própria.

A 11 de agosto de 1888 dirige-se, por ofício, à Camara Municipal para que lhe conceda terreno no centro da cidade. A falta de resposta pronta o impaciente e a 28 do mesmo mês recorre à Assembleia Provincial "por não ter a Camara respondido, DEVIDO POR CERTO A FALTA DE TEMPO". Desta vez aponta a área que almeja, "terreno de propriedade da Província que fica entre a rua Borges de Macedo e o lugar contíguo a rua do Observatório entre a Bitiatiuvinha e a casa de Francisco Marques". Esclarece mais que o aludido terreno não só estava bem situado

como já possuia alicerces o que lhe facilitaria a construção.

A Assembléia o atende. Sua solicitação é incluída no artigo 36 das disposições gerais do orçamento provincial votado para 1889. Mas o Presidente Balbino Cunha não sanciona o orçamento, em consequência da dura campanha que a oposição liberal movia contra os conservadores que estavam no Governo. Frustava-se a grande esperança de Mariano, quando prestes a ser alcançada.

Os liberais, sentindo-se culpados pelo lance involuntário e indireto desferido contra o ensino das artes, decidem amenizar-lo. O Conselheiro Jesuino Marcondes, agora à frente da administração provincial, autoriza a compra de imóvel de propriedade do Comendador Antonio Martins Franco, na rua Aquidaban, com área de alguns mil metros quadrados.

A eclosão da revolução republicana desfere novo golpe nas generosas ambições do artista.

Mariano não desanima. Em princípio de 1890 dirige-se ao Presidente Americo Lobo destacando a imperativa necessidade do edifício próprio, onde seriam ensinadas "as matérias teóricas das Belas Artes e industriais se possam estabelecer oficinas para o estudo prático das mesmas artes".

O regime republicano assumia sérias responsabilidades político-sociais e, ao interpretá-las, insiste o artista com o Governo para que não falhe às esperanças populares. Seu pronunciamento revela certo sabor socialista.

"Apesar de feita a República ainda não temos a liberdade do trabalho laborioso. É preciso que desapareça a aristocracia do dinheiro, que deixe de existir a diferença entre o industri

al e o empregado público, e, finalmente que o lavrador e o artista sejam levados à altura dos direitos que lhes competem. Só assim poderá haver justiça e igualdade. Para a realização do que exponho, é preciso crear escolas de artes, de indústrias e de agricultura, dando o maximo desenvolvimento às que existem".

As condições de funcionamento e estrutura da Escola se apresentam com solidez surpreendente. O grupo de professores ascende a 22 e é razoavelmente qualificado. Realizam-se reuniões periódicas de congregação. José Corrêa de Freitas é o secretário do estabelecimento, Vitor Ferreira do Amaral seu vice-diretor, João Moreira do Couto o tezoureiro. Tanto professores como dirigentes continuam a exercer as funções gratuitamente.

A 11 de junho de 1890 a Camara Municipal de Curitiba, por proposta de Vitor do Amaral, decide aprovar a concessão do vasto terreno, excedente da praça Eufrasio Correia, à Escola de Artes e Indústrias do Paraná para nêle construir a sua sede "com a condição de começar a edificação no prazo marcado nas posturas".

Vencia o esforçado educador difícil etapa. Mas começava a batalha da mobilização de recursos e da confecção do projeto. Contava para essa jornada com dois trunfos poderosos: o proprio Governador Americo Lobo e o Vice-Governador Joaquim Monteiro de Carvalho.

Com o ultimo, que assume o Governo entre a demissão de Americo e a posse de Serzedelo Correia, no período agitado e inseguro da primeira fase republicana, acerta a criação de loterias cujo resultado seria inteiramente destinado ao custeio de

iniciativas educacionais, o que é confirmado pelo Decreto nº 103, de 5 de agosto de 1890.

Consegue que Cândido de Abreu, então diretor de Obras Pú-  
blicas, se incumba de desenhar o ante-projeto do edifício. Tam-  
bém combinara com o Presidente Joaquim Monteiro que a nova  
construção abrigaria o Museu Paranaense e a Biblioteca Pú-  
blica, seria o virtual PALÁCIO DA CULTURA do Paraná.

"O edifício projetado, com todas as acomodações e necessi-  
dades de uma Escola como esta, era imprescindível uma secção  
para a Biblioteca e outra para o Museu especiais da mesma; mas  
que, para cortar despesas, se podia construir estas secções de  
modo o ser possível comportarem o Museu Paranaense e a Biblio-  
teca Pú-  
blica, que, além de poderem ser mais bem utilizadas, po-  
derão ser cuidadas com o mesmo pessoal da Escola, evitando-se  
ao mesmo tempo a necessidade de, para o futuro edificar o Go-  
verno as construções que se fazem precisas em vista das atuais  
e precárias condições desses estabelecimentos", resa ata de  
congregação da Escola levada a efeito a 19 de abril.

Tal imponência e proporções adquire o projeto do predio  
que é enviado à Exposição Internacional de Chicago, com que  
foi comemorado o quarto centenário do descobrimento da Ameri-  
ca. Terá sido, possivelmente, uma das mais destacadas contribuições  
brasileiras para a secção de arte do certame.

A essa altura já se dizia que a iniciativa dotaria Curiti-  
ba com a primeira das escolas de artes e ofícios da America do  
Sul...

Na realidade o que se via tinha fôros de inverosimilhança.  
Conseguia Mariano de Lima manter oito cursos: línguas e ciênc-

cias, música, desenho, arquitetura, gravura, escultura, pintura e artes industriais.

O primeiro era meramente complementar e visava melhorar a adaptabilidade de alguns alunos para o ensinamento teórico das artes plásticas. O de música se compunha de teoria elementar, solfejo, canto, piano, instrumentos de corda e sopro, harmonia e conjunto de instrumentos.

O curso de desenho abrangia perspectiva, desenho linear, de figura e ornato, história natural, física e química, mitologia, arqueologia e história das artes e estética.

No ensino de arquitetura dava-se cálculo, topografia, resistência dos materiais, desenho arquitetônico e confecção de plantas.

Os programas de escultura, gravura e pintura tinham as mesmas matérias básicas, isto é, anatomia e fisiologia, assim como desenho, evidentemente com maior carga no curso de pintura. Tudo indica que o ensino da gravura não chegou a ter organização definitiva, por deficiência de instrutores.

No setor de artes industriais dava-se desenho "a lápis e a pena e colorido para aplicação na litografia", prendas domésticas, mecânica, tipografia, litografia, fotografia, marcenaria e carpintaria, funilaria e encadernação.

Havia três categorias de professores: os efetivos, os avulsos e os instrutores alunos.

Entre os primeiros destacavam-se o próprio fundador da escola, Vitor do Amaral, Custodio Raposo, Carlos Hübels, Major Bento de Menezes, Camilo Vanzolini, Margarida Setragni, Georgina Mongruel, Jacinto Manoel da Cunha, Francisco de Paula Gu

marães. Do grupo de professores avulsos faziam parte Tertuliano Teixeira de Freitas, Alfredo Caetano Munhoz, Agostinho Ermelino de Leão, Roberto Schiebler, Simon Block. Compunham a equipe de mestres alunos Alberto Bardal, Paulo Freyer, João Turin, Mário de Barros, Polixena Corrêa, Maria da Conceição Aguiar.

Pequeno e dedicado grupo de auxiliares remunerados mantinha a casa em ordem e assegurava a regularidade dos serviços, cabendo menção especial a Leão Nicolas e a João José de Ramos.

Justificava-se, portanto, o voto de louvor requerido por Vicente Machado e aprovado pela Assembléia, em que destaca a dedicação, o zelo e a eficiência do diretor Antonio Mariano de Lima, de uma escola que tão pouco custava aos cofres do Estado ao contrário "de outros ramos do serviço público que acarretam grandes onus muitas vezes sem atingir à perfeição relativa".

Surgiram inesperadas dificuldades quando o caminho parecia inteiramente desobstruído. O Presidente Serzedelo Correia decide destinar o terreno da praça Manoel Eufrasio ao novo edifício da Assembléia Legislativa, sem respeitar a decisão da Câmara Municipal.

Também indefere o pedido de adiantamento de recursos por conta da arrecadação das loterias. Manda ouvir o Inspetor do Tesouro do Estado (o Secretário da Fazenda do tempo) e é informado de que "não ha verba no orçamento pela qual se possam fazer tais despezas. O terreno concedido para a Escola foi posteriormente designado para a construção do Congresso. As lote-

rias foram concedidas para a Instrução públ̄ica. O Estado não pode fazer adiantamento sobre receita duvidosa".

Evidenciada a má vontade da nova administração estadual, tem inicio insidiosa campanha contra o operoso artista. A principio era apenas difamação verbal partida de invejosos ou frustados sem maior repercussão. Depois começaramos ataques de imprensa.

O pretexto foi exatamente a participação da Escola na Exposição de Chicago. Afora a planta do novo edifício, Mariano fizera seleção de quadros para serem enviados aos Estados Unidos e os expusera no anexo da Escola que abrira na rua 15 de Novembro. Havia telas de Maria de Aguiar, Minervina Wanderley, Alberto Bardal, Paulo Freyer, Oscar Sabhte e Benedito Antonio dos Santos, este último bolsista do Governo, Talvez o primeiro pensionista de arte custeado pelo Tezouro do Estado.

O efeito foi surpreendente. Leoncio Correia na primeira página da REPUBLICA eleva Mariano e sua Escola à nuvens, descreve com rica adjetivação o quadro de Maria de Aguiar, diz que sem a sua iniciativa o Paraná ficaria ausente da grande mostra, e graças ao artista fazia-se representar "pelos partos austeros da imaginação e do talento".

Mas na página interna desse mesmo número do diário situacionista, de 15 de março de 1893, Paulo Ildefonso de Assumpção insere critica contundente e barbaramente agressiva contra Mariano.

A crônica é dedicada à autora do mais apreciado dos quadros, D. Maria de Aguiar. Afora comentar-lhe desairosamente o trabalho investe contra o professor:

"Tendes um mestre inconsciente da Arte, ignorante do Belo, fatuo e sem talento; na ambição de figura ruidosa para si, vos ilude e quer amesquinar o merecimento intelectual dos nossos compatriotas. A esta hora sem duvida, lá vão êles, esses atestados ridiculos de nossa ignorância artistica, caminho da gran de cidade americana".

Dois dias depois sai segundo artigo sob o mesmo titulo e igualmente ferino. Ao final promete um terceiro, que acabou não sendo publicado. A investida tinha sido demasiadamente traumática e desgostara uma opinião pública inteiramente absorvida pelos graves acontecimentos políticos que já prenunciavam a proxima guerra civil.

O artista ficou profundamente magoado. Paulo Assumpção iniciara o seu aprendizado artístico na propria Escola de Mariano de Lima. Depois, já matriculado no curso de escultura do Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro, mantinha com o ex-professor contactos permanentes e era como um correspondente do esta belecimento na capital da República. Enviava-lhe modelos, partituras, instrumentos.

Quando retorna a Curitiba, depois de diplomado e laureado, esperava-se que integrasse o grupo de instrutores da Escola de Belas Artes e Industrias. Ao contrario e sem motivo aparente começa a guerreá-la. Moveu-o, possivelmente, o intento de frustar a oficialização definitiva da instituição. Destaque-se a expressão definitiva, pois a rigor a Escola era orgão de Governo e nos atuais padrões administrativos teria fôro de autarquia estadoal. Haja vista o que resa a Lei nº 22 de 1º de junho de 1892, sancionada pelo Presidente Xavier da Silva, que

manda anexar à Escola de Mariano de Lima a Pinacoteca Paranaense.

Não é somente o angulo moral da agressão que abala Mariano de Lima. Ele afinal era estrangeiro e o jovem escultor filho de importante familia da terra. Talentoso, influente, amaneirado e de bom gosto logo passara a figura infalivel nas rodas sociais curitibanas. Acabara de ser publicamente elogiado por Agostinho Ermelino de Leão pela ajuda preciosa que lhe dera na restauração do Museu Paranaense.

Afora o impacto da ingratidão, temia a ação erosiva que seria intentada contra a sua obra. E tinha razão. Passado o período critico da guerra civil, seus adversarios tratam de criar novo centro de aprendizado artistico em Curitiba. Sob a direção de Paulo Assumpção funda-se a 22 de outubro de 1894 o CONSERVATÓRIO DE BELAS ARTES, que recebe o apoio de figuras importantes como o engenheiro Alberto Gaston Sangés diretor da Estrada de Ferro, Aristides Liberato, Jorge da Costa, Marcos Leschaud e outros.

O estabelecimento se dedica prioritariamente ao ensino da música, voltando-se para as outras especialidades artísticas mais tarde.

Já a 2 de dezembro desse ano o novo orgão apela para a Assembleia Legislativa para que lhe conceda ajuda financeira.

Assim, as magras verbas, que mal davam para uma instituição teriam que ser repartidas...

E a campanha prossegue, com Paulo Assumpção voltando aos ataques de imprensa nas colunas de A REPÚBLICA, e os amigos e admiradores de Mariano a defende-lo e a contra-atacar no OPE-

RÁRIO LIVRE, no DIÁRIO DA TARDE e outros periódicos.

Procuravam retrucar com a tônica de que a nova instituição era "um conservatório de Belas Artes, fundado especialmente para o ensino da Música dirigido por um artista laureado em es- cultura!..."

As dificuldades na esfera econômica levam o artista português a voltar-se às atividades particulares. Aceita encomendas de retratos tanto em Curitiba, como no interior, em S. Paulo e até no Rio de Janeiro.

Aqui pinta as personalidades de maior destaque: o coronel Amazonas Marcondes, Carvalho Chaves, Jesuíno Lopes, o Barão do Serro Azul, Joaquim Monteiro de Carvalho.

Em 1900 ainda teve o conforto sentimental de ver o grupo da sua Escola executar o "Requiem" no serviço funebre celebrado na Catedral pelo rei Humberto I, assassinado em Monza por um anarquista.

Nunca se vira ato religioso com tanta solenidade e aparato. Presentes todo o Governo, corpo consular, as diversas sociedades da colônia italiana com seus vistosos estandartes e toda a sociedade curitibana; emocionara vivamente os presentes a orquestra ensaiada pela Professora Mongruel e dirigida pelo regente Bento de Menezes.

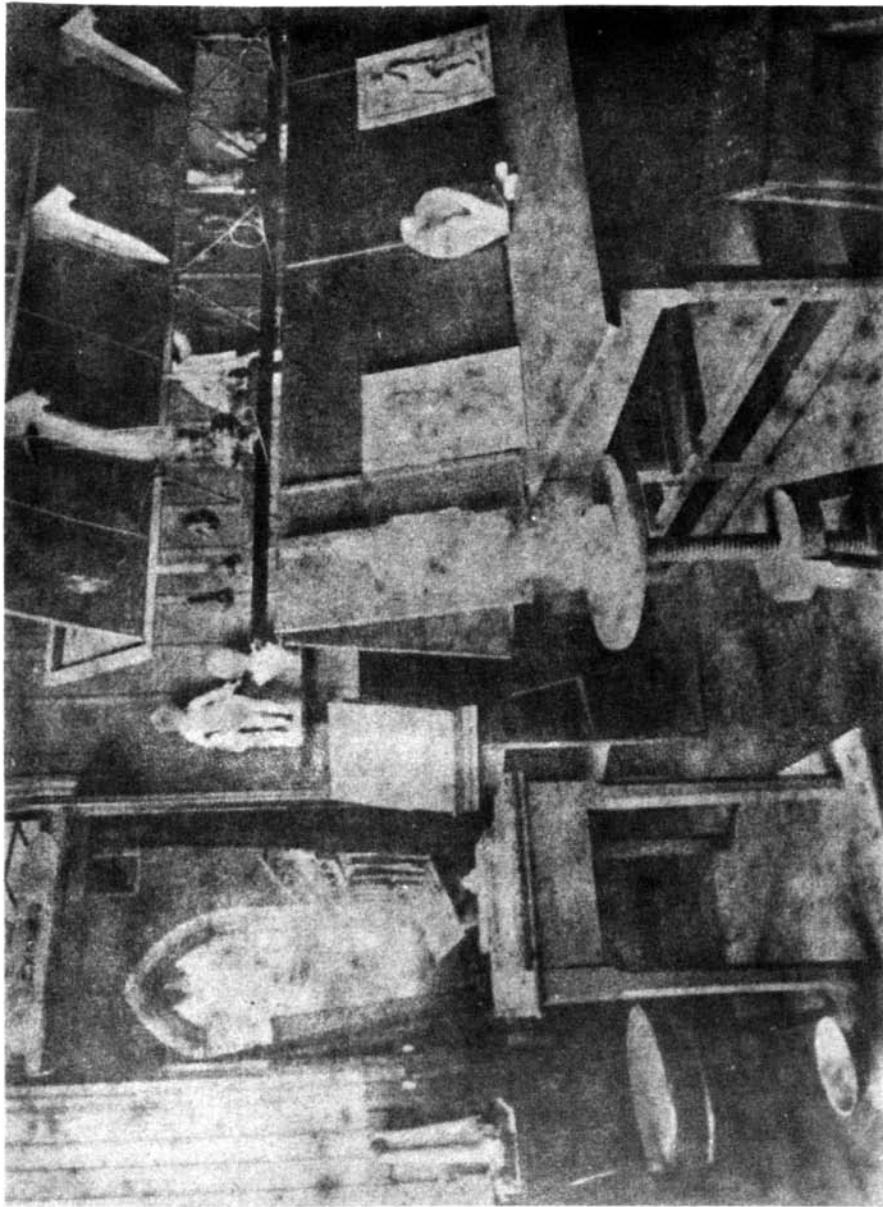
Toda a imprensa a comenta nas primeiras páginas e os elogios ao grupo da Escola de Belas Artes e Indústrias são unânimes. Um comentarista se engana, porém, e dá a música como tendo sido executada pelo corpo do Conservatório.

No dia seguinte Mariano de Lima escreve ao jornal pedindo a retificação e publica a sua carta na A REPÚBLICA. É de imaginar-se o sentimento de euforia de que se viu possuído!...

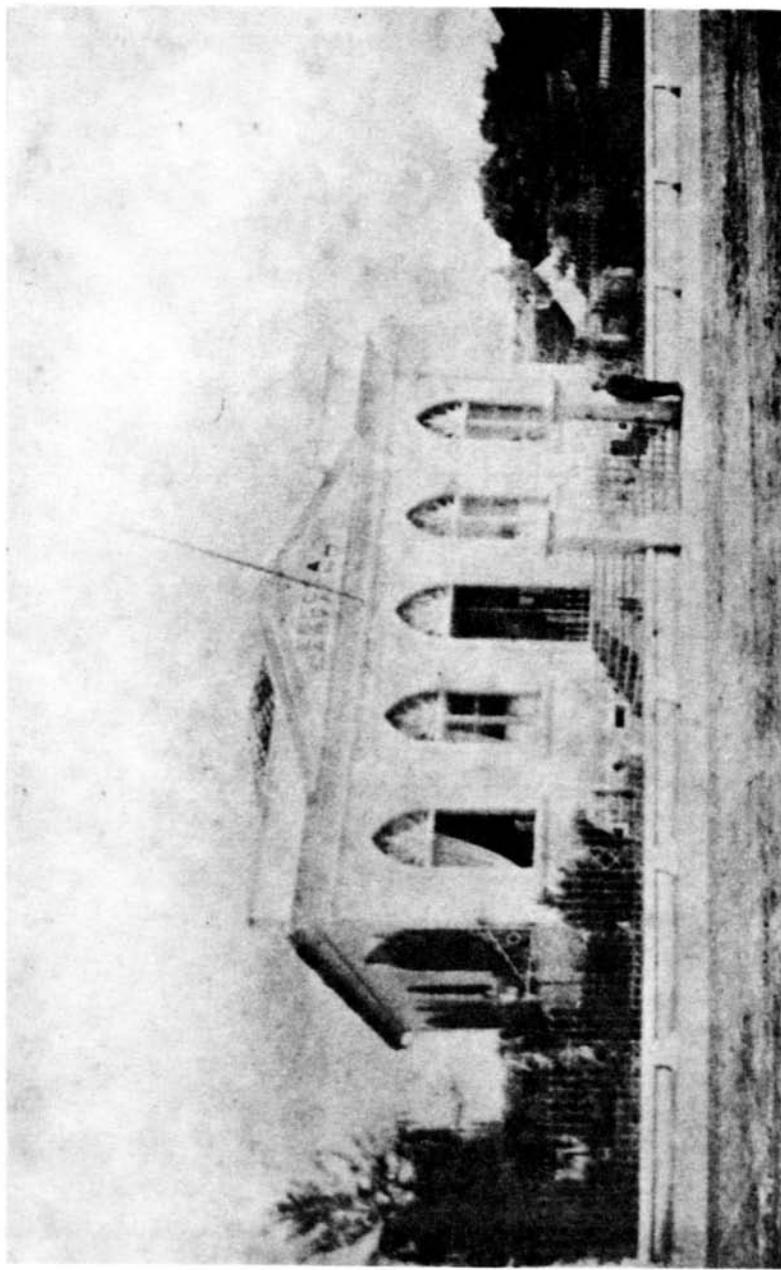
Mas já não se sentia em condições de permanecer em Curitiba. Decide-se a partir e escolhe Manaus como novo domicílio. O Teatro Amazonas, em pleno fastígio, teria exercido atração sobre o antigo cenógrafo. Era o retorno às origens.

Não conseguiu adaptar-se, porém, às condições locais. A presença subjetiva de Domênico de Angelis lhe teria sido constrangedora. Realmente tudo no grande monumento da capital amazonense fala de Domênico. Desloca-se para Belém, atendendo a convite para dirigir a Escola de Belas Artes do Pará, fundada em 1895 sob inspiração de Carlos Gomes, e aí se radica em definitivo. Permaneceria, assim, no outro extremo do Brasil...

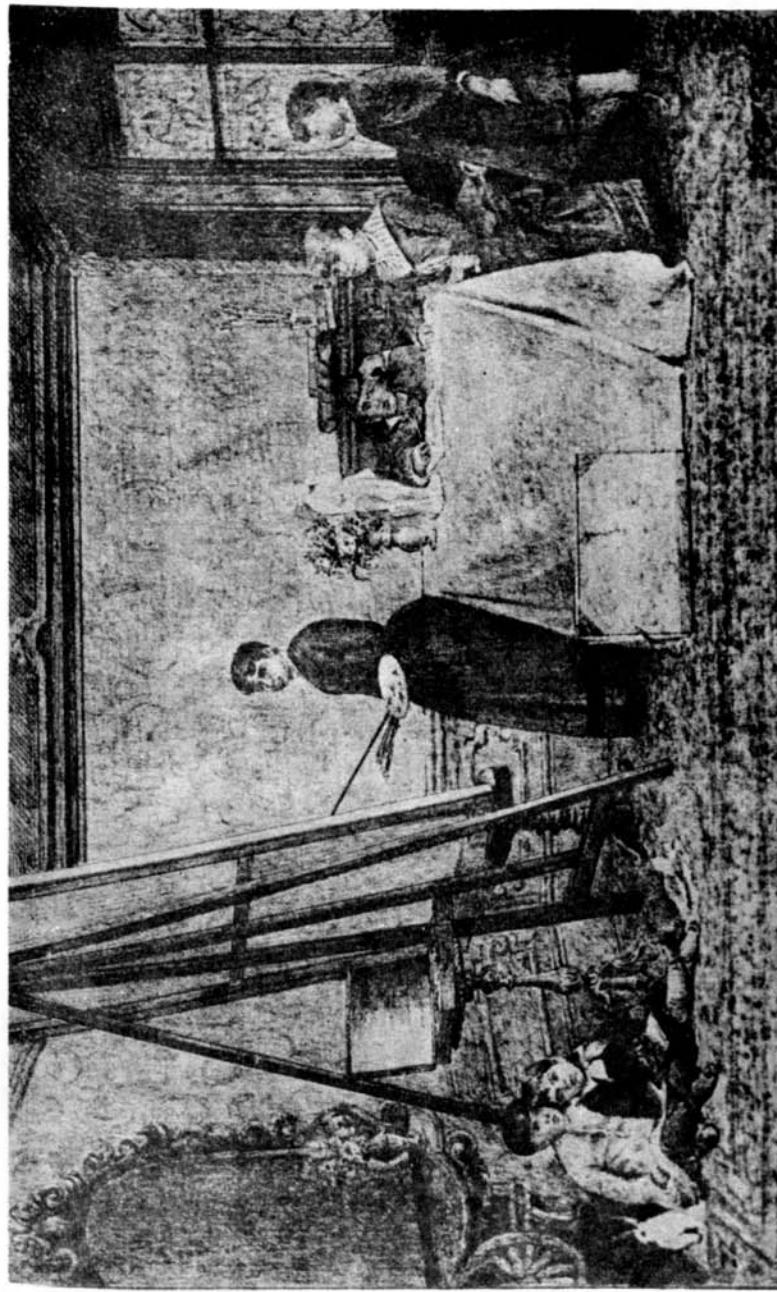
Legou a Escola de Curitiba à sua dedicada e talentosa discípula Da. Mariquinhas de Aguiar, com quem se havia casado, e assim partiria sem amarras. A instituição não resistiria, porém, à sua ausência e em 1906 estava fechada, e com ela capítulo dos mais destacados e decisivos da evolução social curitibana.



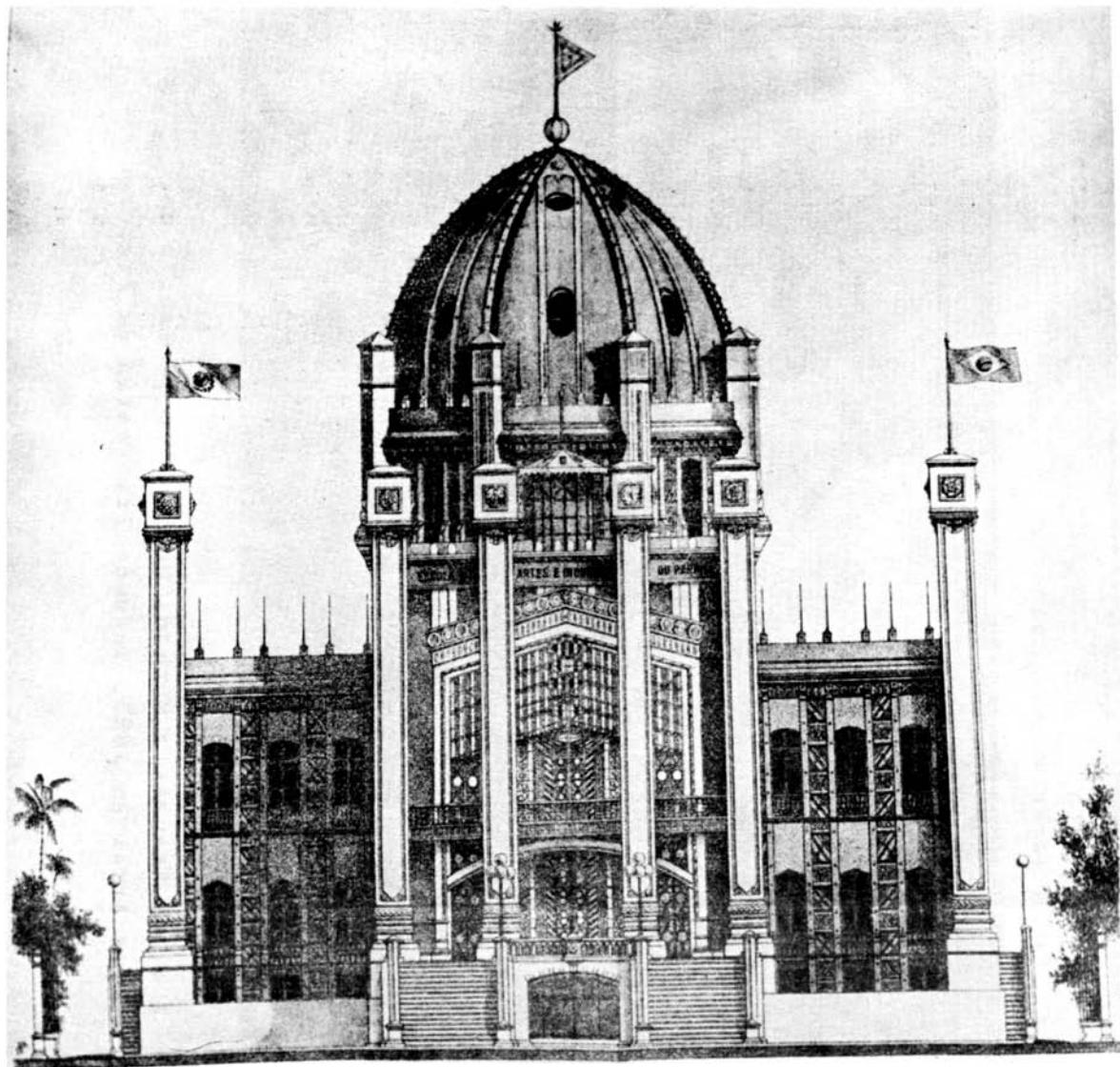
Sala do Ensino de Escultura



O edifício na rua do Aquidabã em que funcionava a Escola de Belas Artes, desde 1886.



A aluna Francisca Munhoz, no atelier da Escola de Belas Artes em 1887, segundo litografia de Figueres.



Projeto da "Casa da Cultura" de Curitiba, desenhado por Candido de Abreu segundo indicações de Mariano de Lima (1890)